



Universidade Federal do Rio Grande - FURG
22ª Mostra da Produção Universitária – MPU
Rio Grande/RS, Brasil, 25 a 27 de outubro de 2023
ISSN: 2317-4420

FEMINISMO NEGRO: OBRAS E AUTORAS FUNDAMENTAIS

FARIAS, Marcella Silveira; SILVEIRA, Isadora da Silva; WILDT, Ana Paula Alba

WILDT, Ana Paula Alba (Orientadora)
fariasmarcella0318@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande

Palavras-chave: Mulheres negras; Interseccionalidade; Decolonialidade.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de pesquisa realizada e discutida na FEMINA – Comunidade Aprendente de Pesquisa Feminista, sediada na Universidade Federal do Rio Grande e cadastrada no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, que propõe um breve panorama do Feminismo Negro desde algumas de suas obras e autoras fundamentais.

Os estudos feministas negros se debruçam sobre as experiências, as reivindicações e as metodologias de pesquisa *sobre* e *com* mulheres negras em diversos contextos, especialmente de vulnerabilidade econômica e social, em uma perspectiva decolonial e interseccional.

Lugones (2014) usa o termo “decolonialidade” para

nomear não somente uma classificação de povos em termos de colonialidade de poder e de gênero, mas também o processo de redução ativa das pessoas, a desumanização que as torna aptas para a classificação, o processo de sujeitificação e a investida de tornar o/a colonizado/a menos que seres humanos (p. 939).

De acordo com a autora, o modelo moderno e colonial eurocêntrico despreza a interseccionalidade, pois baseia-se em uma dicotomia hierárquica entre *humanos* – homem-cis-branco, civilizado, heterossexual, cristão, detentor da razão e inteligência e a mulher cis-branca, vista como seu complemento na vida doméstica e nos cuidados



Universidade Federal do Rio Grande - FURG
22ª Mostra da Produção Universitária – MPU
Rio Grande/RS, Brasil, 25 a 27 de outubro de 2023
ISSN: 2317-4420

das crianças – e *não-humanos* - sujeitos subalternos, animalizados, racializados e não civilizados, como negros/as e indígenas.

Em contrapartida, a perspectiva interseccional dos estudos feministas propõe pensar a mulher atravessada por diferentes sistemas de opressões (CRENSHAW, 2002) que não somente se sobrepõem como se entretecem. Ao encontro desse objetivo, a Teoria Racial Crítica (LADSON-BILLINGS; TATE, 1995; FERREIRA, 2014) ajuda a compreender o impacto das dinâmicas raciais envolvidas nas questões de gênero ao reconhecer privilégios e desigualdades estruturais na sociedade. A Teoria Racial Crítica é uma prática reflexiva que desafia normas, estereótipos e preconceitos raciais em diferentes contextos, e visa a promover a valorização das experiências e dos saberes das comunidades racializadas, em desobediência a discursos hegemônicos para fins de construir uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Justamente, a necessidade de um modo *outro* de pensar emerge do estranhamento dessas narrativas eurocêntricas e ocidentais que vêm dominando a sociedade ao longo da história. É desde esse estranhamento que buscamos, com essa pesquisa, o resgate, a valorização e a ampliação das vozes e das experiências de mulheres negras.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem natureza bibliográfica, uma vez que está centrada nas contribuições de pensadoras feministas negras que problematizam questões de gênero sob um viés decolonial e interseccional. Os critérios de seleção das autoras foram a recorrência de citação em artigos de periódicos cujas palavras-chave fossem “feminismo negro”, “interseccionalidade” e “decolonialidade”, e o interesse da comunidade aprendente de pesquisa feminista em compreender suas obras. O *corpus* vem sendo coconstruído em reuniões mensais da FEMINA.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como representantes do Feminismo Negro, foram selecionadas as seguintes autoras e suas respectivas obras:

Angela Yvonne Davis: nascida no sul dos Estados Unidos em 1944, é uma professora e filósofa estadunidense, integrante do partido comunista dos Estados Unidos e dos Panteras Negras. Angela ganhou notoriedade na década de 70, devido à sua militância pelos direitos das mulheres, contra a discriminação social e racial e o sistema prisional. Sua principal obra, “Mulheres, Raça e Classe”, foi originalmente publicada em 1981 e figura como a grande responsável pelo pioneirismo de Davis na aplicação do conceito de interseccionalidade ao analisar as opressões enfrentadas pelas mulheres negras, destacando os modos com que raça, gênero e classe se entrelaçam em suas experiências de opressão.

Lélia González: professora, escritora, antropóloga, ativista, filósofa e uma das principais vozes do Feminismo Negro no Brasil, defendeu a necessidade de reconhecer a interseccionalidade entre raça e gênero, discutindo os impactos dessas opressões nas vidas das mulheres negras. Destacamos a obra "Lugar de Negro" (1982), que analisa questões raciais e de gênero no Brasil, enfocando a experiência e a luta dos negros e negras na sociedade brasileira.

bell hooks: autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista norte-americana, em sua extensa lista de publicações sob uma perspectiva pós-moderna influenciada pela pedagogia crítica de Paulo Freire, incide principalmente sobre a interseccionalidade de raça, capitalismo e gênero, e aquilo que a autora descreve como a capacidade destes para produzir e perpetuar sistemas de opressão e dominação de classe. Em seu legado, destacam-se "Não Sou Mulher? Mulheres Negras e Feminismo" (2019), no qual a autora explora a importância de reconhecer as experiências únicas das mulheres negras na luta feminista e a interconexão entre raça e gênero, e "O Feminismo é para Todo Mundo: políticas arrebatadoras" (2018), que traz uma introdução acessível e envolvente ao feminismo, esclarecendo os princípios essenciais do movimento com clareza e simplicidade.



Universidade Federal do Rio Grande - FURG
22ª Mostra da Produção Universitária – MPU
Rio Grande/RS, Brasil, 25 a 27 de outubro de 2023
ISSN: 2317-4420

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa objetivou o levantamento e a discussão de algumas das obras e autoras fundamentais do Feminismo Negro em contextos global e local. São apontadas como referências do Feminismo Negro as autoras Angela Davis, Lélia Gonzalez e bell hooks e suas respectivas obras “Mulheres, Raça e Classe”, "Lugar de Negro", "Não Sou Mulher? Mulheres Negras e Feminismo" e "Feminismo é para Todo Mundo: políticas arrebatadoras".

Com este trabalho, intenciona-se a divulgação acadêmico-científica das atividades da FEMINA – Comunidade Aprendente de Pesquisa Feminista da Universidade Federal do Rio Grande para o fortalecimento dos estudos de gênero como currículo no ensino superior, a fim de, mediante o reconhecimento da sua relevância, contribuir para a emergência de mais pesquisas que reivindiquem políticas públicas e mudanças sociais para as mulheres negras.

5 REFERÊNCIAS

- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014.
- GONZALEZ, Lélia. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.
- hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Tradução: Libanio Bhuvi. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- _____. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução: Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- LADSON-BILLINGS, Gloria; TATE, William F. Toward a critical race theory of education. **Teachers College Record**, v. 97, n. 1, p. 47-68, set. 1995.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, dez. 2014.